

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

Rhanna Schaefer

**EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO INFANTIL: o olhar do professor
especialista**

**PORTO ALEGRE
2019/1**

RHANNA SCHAEFER

**EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO INFANTIL: o olhar do professor
especialista**

Projeto de pesquisa da disciplina de
Pesquisa em Educação do Curso de
Pedagogia da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leni Vieira
Dornelles.

PORTO ALEGRE

2019/1

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer a minha mãe, uma pessoa com um coração enorme, que tem as filhas acima de tudo. Que sempre acreditou no meu potencial e deixou claro o orgulho que sente de mim, que esteve por perto para ajudar nos momentos difíceis e colocou a minha educação acadêmica em primeiro lugar, para que pudesse ter o futuro que ela não teve. Mãe, obrigada por me dar forças durante esses seis anos e meio de graduações e nunca me deixar desistir!

Gostaria de agradecer ao meu pai, que mesmo de forma sutil demonstra o orgulho que sente por mim. Obrigada por todas as caronas, por todos os puxões de orelha e por não facilitar as coisas na maioria das vezes, isso me fez mais forte e independente. Pai, obrigada por ser o meu exemplo sempre!

Mesmo com todas as discussões, é impossível não agradecer a minha irmã por aturar meus surtos durante este trabalho. Saiba que tenho muito orgulho de você, maninha.

A minha irmã do coração, Camila Schaefer, obrigada pelo total incentivo, por todas as caronas, por emprestar o computador após o meu estragar em meio ao TCC, e, principalmente, pelo melhor presente do mundo: a Rafaelly. Vocês duas são fundamentais para mim!

Em geral, gostaria de agradecer a toda minha família, pelo carinho e amor que sempre me deram.

A minha orientadora, Leni Vieira Dornelles, gratidão por sempre me tranquilizar e acreditar no meu trabalho como ninguém. Obrigada por esse “um ano” como orientadora, seja no estágio ou trabalho de conclusão de curso, tu fostes fundamental para essa etapa final de curso!

Ao Douglas Torres, não tenho palavras para demonstrar a minha gratidão, foi uma pessoa que esteve sempre presente ao longo do curso, aguentou meus choros, auxiliou em materiais para o estágio, me deu diversas caronas e sempre me

socorreu quando precisei. Só tenho a agradecer e gostaria de registrar o quanto foste importante para que eu me mantivesse forte.

À Larissa Justin, por ser minha eterna dupla da Faced, embora seja uma frase clichê, mas levarei comigo da Faced para a vida. Obrigada por todos os sermões e por fazer esse curso se tornar mais engraçado e divertido. Agradeço sempre por ter te encontrado no meio de tudo isso, quem diria que da aula da Professora Tânia Fortuna nasceria essa amizade tão natural e parceira como a nossa.

Também gostaria de agradecer algumas amigas especiais que estiveram ao meu lado por todo esse tempo de faculdade e sempre me motivaram e influenciaram a seguir em frente: Tainá Bica, Clarissa Kapitansky e Gabrielly Estrazulas, vocês são demais, gurias!

Além disso, obrigada a todos os amigos que estiveram sempre presentes e nunca desistiram de mim, mesmo que eu tenha desistido de diversos encontros por conta dos compromissos e responsabilidades da faculdade. Obrigada por tudo, gente!

Por fim, quero agradecer aos meus professores, desde o ensino básico aos professores do curso de Educação Física e do curso de Pedagogia. Todos vocês colaboraram, de diferentes formas, para que conseguisse completar mais essa etapa, além de ter muitos de vocês como o exemplo de professora que eu quero ser.

RESUMO

A Educação Física na escola, muitas vezes, é subestimada. Porém, através de recentes estudos é possível compreender a sua importância social, corporal, afetiva e emocional de suas aulas. O que vem se questionando é quem deveria ministrar as aulas de Educação Física na Educação Infantil, visto que por lei é uma atividade obrigatória nesta modalidade de ensino. Entretanto, a lei não especifica quem deve ministrar essas aulas. Meu objetivo com este trabalho é discutir e identificar o que pensa o professor especialista de Educação Física sobre a Educação Física na quais seus efeitos na vida e aprendizagens das crianças 0 a 6 anos de idade. Para isso, foi utilizado a abordagem qualitativa e como ferramenta foi feito uso de entrevistas semiestruturadas com três professores de Educação Física da Rede Privada de Ensino em Porto Alegre/RS, tendo como critério de escolha professores que lecionam na Educação Infantil. Todos os professores defendem que a Educação Física deve ser ministrada por professores formados no curso de Educação Física e que precisa haver uma interdisciplinaridade com os(as) professores(as) titulares da turma, para que haja um maior proveito dos conteúdos anatômicos e lúdicos trazidos pelo professor de Educação Física, juntamente com todo o embasamento socioafetivo e didático trazidos pelo Pedagogo(a).

Palavras-chave: Educação Infantil. Corporeidade. Ludicidade. Pedagogo(a). Professor de Educação Física.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	9
1.1 OBJETIVOS.....	9
1.1.1 <i>Objetivo Geral</i>	9
1.1.2 <i>Objetivos Específicos</i>	9
1.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	9
1.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	10
1.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS E FERRAMENTAS UTILIZADAS.....	10
2. REVISÃO LITERÁRIA.....	11
2.1 CORPOREIDADE E SOCIOAFETIVIDADE.....	11
2.2 A CULTURA INFANTIL A PARTIR DA LUDICIDADE E DO JOGO SIMBÓLICO.....	15
2.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	19
3. O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: Análise e discussão de dados.....	24
3.1 <i>SOBRE FORMAÇÃO E TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL</i>	24
3.2 <i>QUEM DEVE MINISTRAR AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA AS CRIANÇAS?</i>	25
4. CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	33
ANEXOS.....	34
APÊNDICES.....	37

INTRODUÇÃO

A partir da formação como professora de Educação Física e ao longo do curso de Pedagogia teve-se a oportunidade de refletir sobre a relação entre os dois cursos e o papel essencial que cada profissional possui na educação das crianças. Entretanto, percebe-se que não havia muito estudos relacionados à disciplina de Educação Física, seja como ela precisa ser desenvolvida ou quem deve ministrá-la. Dessa forma, problematiza-se neste trabalho de conclusão de curso o que pensa o professor especialista sobre a Educação Física na Educação Infantil, de forma a refletir como ela deve ser desenvolvida, por quem e quais seus efeitos na vida e aprendizagens das crianças 0 a 6 anos de idade.

Na escola comumente lida-se com um lugar de palavras, textos, simbolizações e representações através das diferentes linguagens. Porém, na Educação Física se trabalha com as linguagens que envolvem práticas sociocorporais, como as brincadeiras, os jogos e os movimentos. Portanto, assim como Mello (2014), compreende-se que a criança também aprende através da linguagem do corpo, ou seja, por meio do movimento relacionado com questões culturais, afetivas e sociais.

Quando é possibilitada a manifestação cultural das crianças através de movimentos corporais, consegue-se ampliar o espectro dos conteúdos culturais, atendendo a cada aluno e as suas necessidades, observando seus movimentos corporais. Dessa forma, afirma Saura (2014) que é possível interpretar suas vontades e necessidades a serem desenvolvidas, tanto as motoras, quanto as sociais.

É neste sentido que entra o papel do professor de Educação Física, para a compreensão e problematização acerca da linguagem do corpo da criança, uma vez que este profissional se especializou para tratar da linguagem corporal. Tendo em vista, que a princípio ele seria o profissional mais adequado para exercer essa função, isto é, seria a pessoa apta a ministrar aulas de Educação Física para os pequenos. Porém, tentou-se pesquisar além das questões corporais de uma aula de Educação Física, averiguou-se como as questões socioafetivas e as culturais

infantis¹ atravessam as aulas na educação infantil. Para tal, alguns questionamentos se fizeram presentes: como essas questões perpassam as aulas de Educação Física? Como um professor consegue trabalhar com as crianças as relações afetivas? Quais relações? Em suas aulas, de que forma essas fazem uso das culturas das crianças?

A partir dessas perguntas, é trazida a problemática desta pesquisa: **quais os efeitos das aulas de Educação Física em crianças pequenas da Educação Infantil e, quem deve ministrar tais aulas?** Para compreender melhor essas repercussões foram entrevistados professores de Educação Física, com o objetivo de analisar como suas aulas influenciam a vida das crianças de zero a seis anos de idade.

¹ Quando é tratado de culturas infantis neste TCC, pensa-se nas diferentes manifestações das crianças que são trazidas para a escola, sejam elas familiares, das mídias, dos seus contextos sociais ou das vivências escolares.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.1 OBJETIVOS

Destaca-se a seguir o objetivo geral e os objetivos específicos que almeja-se alcançar com a presente pesquisa.

1.1.1 *Objetivo geral*

A presente pesquisa tem como objetivo geral discutir e identificar o que pensa o professor especialista de Educação Física sobre a Educação Física na Educação Infantil, de forma a refletir como ela deve ser desenvolvida, por quem e quais seus efeitos na vida e aprendizagens das crianças 0 a 6 anos de idade.

1.1.2 *Objetivos específicos*

Consideram-se como objetivos específicos desta pesquisa:

- a) Compreender, através das entrevistas com os professores, se há efeitos em relação ao autoconhecimento do corpo e da socialização, em crianças da Educação Infantil, a partir de aulas ministradas por professores de Educação Física;
- b) pontuar marcadores, como o socioafetivo, a ludicidade e a corporeidade, na Educação Física da Educação Infantil;
- c) verificar a importância de um professor de Educação Física na Educação Infantil.

1.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A abordagem utilizada é qualitativa no qual “tem como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural” (GODOY, 1995, p.62). A autora (1995, p.62) afirma que “nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada”. Trata-se de um estudo de caso, conforme Robert (2015, p.2), quando se refere ao método que “investiga um fenômeno contemporâneo (o “caso”)

em seu contexto no mundo real, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto puderem não estar claramente evidentes”.

A pesquisa foi realizada a partir do estudo de referenciais teóricos, dessa forma contribuindo para a construção de entrevistas semiestruturadas com professores de Educação Física que atuam na Educação Infantil em uma escola privada no município de Porto Alegre/RS.

1.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com três professores de Educação Física, a começar pela apresentação do termo de consentimento livre e esclarecido aos professores que participaram da investigação através de uma entrevista semiestruturada. Os critérios utilizados para a escolha professores foram os seguintes: ser licenciado em Educação Física e atuar na Educação Infantil.

A escolha da escola, por sua vez, foi uma consequência da autora trabalhar na mesma, trazendo facilidade para o processo desta pesquisa.

1.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS E FERRAMENTAS UTILIZADAS

Para dar início foi conversado com cada um dos professores de Educação Física selecionados, foi explicado o tema do trabalho de conclusão de curso e por fim convidado a participarem e contribuírem com a pesquisa em questão. Após o convite todos os professores preencheram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado a entrevista semiestruturada. A referida entrevista foi gravada em um ambiente silencioso e privado, para cada um deles pudesse expor suas opiniões e darem suas contribuições nesta investigação.

2. REVISÃO LITERÁRIA

Neste capítulo serão apresentados alguns estudos de autores que vão ao encontro com a temática desta pesquisa. Ainda assim, essa revisão literária auxiliará posteriormente na análise dos dados realizadas nas entrevistas com docentes.

2.1. CORPOREIDADE E SOCIOAFETIVIDADE

De início, considera-se importante trazer em pauta a discussão acerca do tema que trata da corporeidade, é importante definir o conceito a que está sendo relacionado tal termo, uma vez que é apontado a:

corporeidade significa caminhar na busca de uma educação que realce a afirmação de que o ser humano “não aprende somente com sua inteligência, mas com seu corpo e suas vísceras, sua sensibilidade e imaginação”. Ainda enquanto o fenômeno da aprendizagem, lembramos que “assim como o homem não é só animal nem só razão, ele não é, tampouco, nem só individual nem só social”. (REZENDE, *apud* SILVA, 2016, p. 190).

O conhecimento do corpo e suas ações são fundamentais para as crianças, tendo em vista que é algo a ser desenvolvido e incentivado desde a Educação Infantil. O corpo é uma forma de expressão muito usada por crianças de 0 a 6 anos de idade. Observamos que mesmo quando as crianças ainda não falam, elas utilizam de linguagens corporais para expressarem seus desejos. Durante a entrevista, foi considerada pertinente a fala do professor², em que reafirma aquilo que as crianças apresentam em relação ao seu conhecimento do corpo:

[...] eu percebo que as crianças nas práticas de atividades físicas, na Educação Infantil, através das sensações corporais *vão se dando conta da sua corporeidade*. Eu tive uma turma ano passado que *eles ficaram muito curiosos com o corpo humano, então eles sentiam o movimento, perguntavam a parte do corpo*, eu ia conversando muito com eles sobre isso (PROFESSOR 2, 2019 [*grifo nosso*]).

Sobre a assertiva do professor, a Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil aborda o seguinte:

A presença de parceiros experientes que o apoiam a nomear aquele objeto, a avaliá-lo segundo certas características estimula que a exploração da criança por meio de seu corpo, gestos e movimentos continue conduzida por seus interesses e curiosidade, manifestando suas emoções pelo corpo,

² Ao longo do trabalho será referido aos professores entrevistados, como professor 1, 2 ou 3, com o intuito de preservar o direito de imagem.

criando desafios de estar com parceiros e relacionar-se com eles. (BNCC, 2018, p. 32).

Ainda de acordo com a Base Nacional Comum Curricular:

As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física. Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o participante privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão. Assim, a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para que as crianças possam, sempre animadas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo (tais como sentar com apoio, rastejar, engatinhar, escorregar, caminhar apoiando-se em berços, mesas e cordas, saltar, escalar, equilibrar-se, correr, dar cambalhotas, alongar-se etc.) (BNCC, 2018, p. 41).

Ou seja, o conhecimento do corpo é algo essencial na Educação Infantil. A Base Nacional Curricular Comum apresenta também esta importância, contudo não faz relação com as aulas de Educação Física. No entanto, dentro das buscas realizadas sobre esse tipo de trabalho, não foi encontrado nenhum documento especificando a necessidade de ter um professor de Educação Física na etapa da Educação Infantil.

A Base Comum Curricular para Educação Infantil aponta que:

na visão atual, o corpo infantil é um integrante privilegiado das práticas pedagógicas orientadas para a interação e criação com parceiros na Educação Infantil. Ele está presente em todas as situações do cotidiano, expressando o sentido pessoal que cada uma delas tem para a criança. De outro lado, ele é objeto de um trabalho pedagógico intencional nas atividades que as crianças realizam tanto em jogos, dramatizações e danças como no faz de conta e que também atuam na constituição social, cultural e histórica do corpo delas. Cabe ao professor apoiar o desenvolvimento de aspectos específicos da motricidade infantil durante as práticas selecionadas da cultura corporal. (BNCC, 2018, p. 31).

Basei (2008, p.5), ministra que “a criança se expressa com seu corpo, através do movimento. O corpo possibilita à criança apreender e explorar o mundo, estabelecendo relações com os outros e com o meio”. Desta forma, entende-se que a criança utiliza do seu corpo para interagir socialmente com outras pessoas ou com o meio em que vive. Tendo em vista que é “na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão

descobrimo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista” (BNCC, 2018, p. 40).

Também pode-se pensar em como o professor de Educação Física, especialista na área, trabalha as questões corporais com as crianças pequenas. Isto porque “na primeira infância, o corpo é o instrumento expressivo e comunicativo por excelência, que serve de suporte para o desenvolvimento emocional e mental, sendo essencial na construção de afetos e conhecimentos” (BNCC, 2018, p. 32). Nas entrevistas com os professores especializados, notou-se que há uma relação muito grande entre a corporeidade e as relações socioafetivas, por isso a fala do professor¹ se faz pertinente à pesquisa, visto que ele é questionado sobre o conhecimento do corpo e dessa forma ressalta a importância do eu e o outro: “[...] a noção do eu e do outro, o espaço que eu ocupo, o espaço que meu colega ocupa e o espaço que nós ocupamos junto”. (PROFESSOR 1, 2019).

No que se refere ao tratamento do eu e o outro, a Base Nacional Comum Curricular explica o seguinte:

A criança, na interação com seus pares e com adultos, vive experiências de atenção pessoal e outras práticas sociais nas quais aprende a se perceber como um “eu” — alguém que tem características, desejos, motivos, concepções —, a considerar seus parceiros como um “outro” — com desejos e interesses próprios — e a tomar consciência da existência de um “nós” — um grupo humano cada vez mais amplo e diverso. Nesse processo, vai se constituindo como alguém com um modo próprio de agir, sentir e pensar. (BNCC, 2018, p. 16).

Ou seja, é imprescindível que haja um cuidado com o outro, dessa forma havendo respeito e reconhecimento de que a criança não é mais o centro. Felipe (2012) ao tratar de crianças de três a seis anos, a partir da perspectiva de *Wallon*, mostra que é nessa etapa que a criança passa a se retirar do centro e perceber o outro, ainda assim prevalecendo as relações afetivas. Ao ser questionado sobre o socioafetivo o Professor² (2019) argumentou que: [...] se o professor promove essa escuta, esse olhar, ele consegue *unir essa afetividade às atividades que estão envolvidas na aula... o professor de Educação Física consegue trabalhar muito essas questões do vínculo dentro das suas aulas (grifo nosso)*.

Portanto, o entrevistado deixa claro que há como trabalhar questões socioafetivas na aula especializada. O especialista também destaca a questão da escuta, desse modo a BNCC aponta sobre a importância desse momento:

na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BNCC, 2018, p.42).

Também é importante salientar a fala do professor¹, no qual ele reafirma que a Educação Física possui espaço e estratégias para trabalhar questões socioafetivas “é fundamental, a psicomotricidade fala muito disso, além de se comunicar não só com a fala, a fase rudimentar se comunica com o corpo, o choro, o toque, tudo isso faz parte e na Educação Física tudo isso se faz muito presente”. (PROFESSOR 1, 2019).

Inclusive, é importante destacar as questões sociais relacionadas às regras e condutas. É pelo corpo que ela começa a conhecer o mundo e “nesse processo, ela aprende a reconhecer suas sensações e funções corporais e a identificar as potencialidades e os limites de seus gestos e movimentos” (BNCC, 2018, p. 32). Como aponta o Professor 3 (2018), ao afirmar que a Educação Física possibilita e desenvolve:

[...] envolvimento social, da questão da conduta, do entendimento de regras, de objetivos, das brincadeiras, dos jogos e da interação, porque como eu falei anteriormente a questão da parte do desenvolvimento motor mesmo, e a parte física a gente não consegue ter tanto impacto por ser um período reduzido ‘né’, mas a gente consegue ir plantando essas sementinhas que vão fazer a criança ter gosto pela atividade, se sentir bem, ter uma atividade prazerosa, então eu acho que é mais ou menos por esse caminho.

O especialista também pontua a questão do tempo da aula de Educação Física, acreditando que não há como promover um grande desenvolvimento corporal, mas sim um “aprimoramento” sobre como a criança vê e sente seu próprio corpo. Afinal, “o corpo expressivo, comunicativo e provocador da criança a leva a observar e imitar o corpo do outro. Ocorre, assim, uma aprendizagem de posturas” (BNCC, 2018, p. 32).

Portanto, o professor pode investir em seu trabalho com as crianças sobre as relações sociais e as experimentações de interações, para que a criança possa criar um vínculo com as atividades físicas, assim unindo corporeidade e socioafetivo.

2.2 A CULTURA INFANTIL A PARTIR DA LUDICIDADE E DO JOGO SIMBÓLICO

Quando trata-se sobre o brincar se faz necessário destacar que este é fundamental na Educação Infantil. Ele é compreendido como forma de expressão e meio de aprendizagem da criança. Através do brincar pode-se observar vários aspectos, que as crianças não mostram por meio da fala ou da escrita, quando se utilizam de uma linguagem mais restrita e codificada como o brincar.

Marinho (2008) destaca a necessidade do lúdico para a educação e ainda defende a utilidade que ele tem para o processo de ensino aprendizagem, auxiliando no desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas. A autora ainda afirma que é na escola que a criança deve ter acesso a jogos e brincadeiras, sendo garantidas pelos professores, que assim desempenham um papel muito importante na constituição das crianças, isto é, de mediar o conhecimento através de atividades lúdicas.

Ao ser questionado sobre o efeito da Educação Física na Educação Infantil o Professor 2 (2019) argumenta que:

[...] proporciona uma maior socialização, proporciona espaços de desenvolvimento psicomotor, espaços onde as crianças possam ter a prática e reflexão sobre jogos e brincadeiras, sobre competição, sobre cooperação, sobre saúde, sobre esportes e eu acho que é *mais um espaço dentro da Educação Infantil pra se trabalhar com o Lúdico e o Jogo Simbólico.* (grifo nosso).

A partir disso percebe-se que para muitos professores a Educação Física está diretamente relacionada ao lúdico e ao jogo simbólico. Para Mastrascusa (2014, p. 22), o jogo “é inato ao ser humano. Pode ser tanto uma atividade física como intelectual, espontânea, com características lúdicas, que gerem prazer ao exercê-las”. Isto é o jogo está ligado ao lúdico, através do jogo a criança, a partir de determinado momento, pode criar, gerar hipóteses e brincar de acordo com as regras. Kishmoto (*apud*, Mastracusa, 2014, p.23) demonstra que há duas funções gerais para o jogo, sendo elas a “função lúdica: propicia diversão, prazer e até

mesmo desprazer. Função educativa: ensina qualquer coisa que auxilie o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e seu posicionamento com o mundo”.

E ao tratar especificamente do jogo simbólico, Lobo (2008) ressalta a importância desses jogos e recreações para o desenvolvimento de cidadania das crianças, ensina, ainda, que as interações sociais auxiliam na aprendizagem motora.

Prado (2014, p. 14) ao tratar de jogo simbólico confirma que:

[...] no jogo simbólico, através do faz-de-conta, é permitido à criança invocar a situação imaginária, modificando a realidade em função do seu desejo, sem se preocupar em estar de acordo com a realidade. A criança não vê o objeto como ele é, mas lhe atribui um novo significado. Porém, não é qualquer objeto: as crianças utilizam aquele que lhes recorda o objeto imaginado, assim invocando realidades simbólicas; então, a imaginação simbólica é o próprio instrumento de jogo.

Dessa forma, pode-se compreender como se dá o jogo simbólico, tendo como maior protagonista o faz de conta, que trata da simbolização e/ou projeção da imaginação para a realidade.

Prado (2014, p. 20) ainda destaca o jogo a partir da aula de Educação Física, trazendo a ideia de “jogo livre”, em que a criança é a protagonista da brincadeira, dessa forma “o jogo simbólico pode emergir e se desenvolver e, por ser tão rico para o desenvolvimento integral da criança, pode servir de estratégia metodológica nas aulas de educação física”.

Todavia, em uma das falas o entrevistado, professor1, questiona o tempo de aula, para que possa haver o “momento livre”, argumentando que “se der tempo tem o “tempo livre”, mas se não der é o que tu deu pro aluno e deu, então *é difícil a criança trazer a cultura dela*, as brincadeiras dela o tempo todo, então são momentos *durante a atividade que tu deixa livre*, ‘né’?!” (PROFESSOR 1, 2019. [grifo nosso]).

Em outro momento o entrevistado reflete sobre sua própria prática afirmando que tem que melhorar em relação aos “momentos livres”, em virtude que há pouco tempo de aula. Muitas vezes os professores priorizam os conteúdos e objetivos a serem cumpridos, dessa forma diminuindo o tempo de brincadeira “livre”. Entretanto, entende-se que o brincar livre e o brincar dirigido devem ser conciliados de forma conjunta, para que haja um desenvolvimento integral da criança, para isso é

necessário que o adulto intervenha na brincadeira, tornando-a mais dirigida e “levando-as a um brincar livre mais enriquecido e, conseqüentemente, a um nível mais elevado” (MOYLES, *apud*, PRADO, 2014, p.21).

Ao destacar o brincar apresenta-se novamente o que é trazido pela Base Nacional Comum Curricular, quando ressalta a importância do “faz de conta” para as crianças:

Particularmente, brincar de faz de conta cria oportunidades valiosas de representação não só do cotidiano dos pequenos, mas também do mundo da fantasia com o qual eles têm contato pela leitura de histórias e outras narrativas promovidas pelo professor ou ainda por meio de representações teatrais. (BNCC, 2018, p.36).

Observa-se que devido a falta de segurança nas ruas, o jogo e o brincar tem se restringido basicamente às escolas. Palma (2017) ao tratar dessas questões, mostra que em função do grande aumento da violência, por muitas crianças morarem em apartamentos pequenos, pelo aumento do fluxo de automóveis e pela quantidade de tarefas acumuladas, assim diminuindo o espaço e o tempo do jogo na vida das crianças.

A partir disso a escola torna-se um local privilegiado para as brincadeiras, dessa maneira trazendo à tona as diversas culturas infantis, que não são homogêneas e nem universais, pois cada criança ressignifica informações e situações de formas diferentes; por exemplo, brincar de comidinha pode ser algo comum para uma criança que tem comida em casa, mas ao mesmo tempo pode ser algo muito conturbado para aquela criança que passa fome e, muitas vezes, alimentam-se somente na escola. Portanto, Palma (2017) traz ainda que questões como gênero, condições financeiras, raça, local de moradia e representações familiares, são colaboradores e influenciadores para o desenvolvimento da cultura da criança, impossibilitando a existência de apenas uma cultura infantil.

Ao ser questionado sobre as culturas infantis em suas aulas o Professor 1 (2019) assim se posiciona: “dependendo do que ela quer mostrar às vezes “não pode” (risos), é difícil isso da cultura dela, porque ela traz uma cultura familiar e às

vezes a cultura familiar não é boa³, é difícil essa questão e eu tenho dificuldade com isso”.

O que contradiz aquilo que afirma a BNCC (2018, p.37), quando explica que “a instituição precisa conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade”. Portanto, há uma preocupação com o respeito e direito da criança de se expressar a partir de sua cultura. Entretanto, através da afirmação do Professor 1 sobre a dificuldade de lidar com a cultura que a criança traz de casa, pode-se refletir sobre a complexidade de compreender e explorar essa diversidade cultural. Porém, é necessário que o professor respeite e não a reprove, não a trate como certa ou errada, mas que possa intervir de forma cautelosa, para não ferir o direito da criança de se expressar sobre como vive e aprende sua cultura.

Como destaca o Professor 2, há casos graves de agressão, situações com drogas, entre outras experiências que as crianças trazem na bagagem com sua cultura, portanto em alguns casos é necessária a intervenção do professor, para conversar e entender porque a criança está levando determinados assuntos para a escola ou até mesmo não falando sobre o que vê ou assiste fora da escola, mas praticando-os a partir de diferentes linguagens. Por isso destaca-se a fala do referido professor:

às vezes as crianças elas chegam pra aula para expressar corporalmente o que elas vivenciam nos seus ambientes. Já tive histórias a muito tempo atrás, de crianças com noticiários de agressões, com noticiários de acidentes, com noticiários de drogas e que traziam para aula nas suas brincadeiras esses assuntos e expressavam isso através dos jogos dentro da Educação Física. Também a questão da música, dos próprios movimentos da cultura corporal, acho que a mídia influencia demais dentro desse processo. (PROFESSOR 2, 2019).

Outra questão importante destacada pelo Professor 2 é a influência da mídia na cultura infantil e no comportamento das crianças. Dornelles e Marcello (2012) afirmam que não se pode mais significar a infância partindo do tempo e da vivência passada, pois as crianças atualmente são outras. Com novos saberes e uma grande quantidade de tecnologia, fazendo com que elas consigam acesso rápido a diversos tipos de informações.

³ Será tratado mais tarde sobre esta posição do professor.

Além disso, as crianças já nascem em um mundo tecnológico, por isso elas aprendem a manusear diferentes aparelhos com maior facilidade, muitas vezes atribuindo saberes e habilidades que muitos adultos não possuem. Portanto, é importante refletir sobre a desconstrução do professor para adaptar-se a essa infância contemporânea.

2.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, conceitua-se a mesma como:

primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, 2010, p.11).

Sobre a etapa da Educação Infantil a BNCC (2018, p.39) afirma que “parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças”, ou seja, o professor tem frente às crianças o papel de mediador, planejando e desenvolvendo a educação integral delas.

É importante ressaltar que, atualmente, a matrícula nessa etapa de educação das crianças passa a ser obrigatória, somente a partir dos quatro anos de idade, antes dessa idade fica a critério dos responsáveis matricularem ou não. Nisso questiona-se a Educação Física na Educação Infantil e ao abordar sobre a Educação Física é necessário destacar que esta é uma disciplina obrigatória na Educação Básica, segundo o § 3º do art. 26 da Lei nº 9.394. A Educação Básica corresponde à educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

Apesar de ser uma disciplina obrigatória, também é possível ver a falta de amparo governamental educacional que a disciplina sofre, pois ela não aparece em nenhum dos documentos pedagógicos oferecidos ao professor, como, por exemplo,

a Base Nacional Comum Curricular. Nela se encontra o segmento da educação infantil, porém não há a seção da Educação Física, como há no segmento do ensino fundamental e ensino médio. O que foi encontrado que mais se aproxima desta disciplina seria a seção de “corpo, gestos e movimentos”, bem como, também, está disponível no Referencial Curricular Nacional questões relacionadas ao corpo, porém não há nenhum segmento específico para a Educação Física na Educação Infantil. Ainda é esclarecido no documento que:

não se trata de pensar em aulas de educação física na Educação Infantil, mas de reconhecer que o corpo está presente em todas as atividades, o que exige do professor refletir sobre o corpo, gestos e movimentos de uma perspectiva mais abrangente (BNCC, 2018, p.34).

Assim, indo de encontro ao que afirma o Professor 1 (2019):

Mas pelo menos, ali na nova BASE ‘né’, tem vários tópicos que como professor de educação física tu pode utilizar, então isso já é um avanço, eu tenho anotado ali algumas coisas que eu utilizo, mas não ter o específico pra educação física, ainda é um “fiasco”, é uma matéria que é tratada a margem e não deveria ser, porque é o corpo ‘né’ (grifo nosso).

Acredita-se que o corpo não pode ser explorado apenas nas aulas de Educação Física, dessa forma não se pode restringir a corporeidade somente a essas aulas. Porém entende-se que é extremamente necessário que haja uma seção nos documentos nacionais de educação, que deem uma base para os professores especialistas da Educação Infantil.

Além disso, a Lei nº 9.394 não especifica que a disciplina tenha que ser ministrada por um professor licenciado em Educação Física. O que faz com que muitas escolas ainda tenham essas aulas ministradas por outras pessoas, que não as com o devido curso de formação. Isso se torna muito preocupante, uma vez que pedagogos não estão aptos para ministrarem essa disciplina, pois não possuem a especialidade necessária ao que se refere à especificidade corporal que tem o professor de Educação Física em sua qualificação.

Não há constatação de que os profissionais da pedagogia tenham disciplinas que contemplem a Educação Física em seu currículo. Havendo assim uma defasagem sobre o estudo da “Linguagem Corporal” e da “Cultura do Movimento”. O

tema movimento faz parte da área de estudos da educação física e sabemos da sua importância, em todos os aspectos, para o que se refere a uma criança em desenvolvimento. Todavia, entende-se que é necessário que se tenha conhecimento sobre o assunto para lutar em prol de que este professor (de educação física) atue nesta área e seja valorizado, como defende Cavalaro (2009).

Por outro lado, o conceito de psicomotricidade e atividades psicomotoras também devem ser conhecidos pelo professor de Educação Física, para que ele possa atuar de maneira capacitada em relação ao movimento do corpo, para assim estimular os alunos em sua vida escolar. Relacionar a psicomotricidade à Educação Física, nada mais é do que tratar do movimento pensado, ou seja, do movimento com raciocínio e não somente o movimento pelo movimento, sem contextualização.

Para Dupré (1909) ao inventar o conceito de psicomotricidade mostra-se que inicialmente essa era relacionada à área médica e responsável por avaliações psicomotoras e seus testes. Os problemas psicomotores eram tratados a partir de exercícios, com atividades motoras dirigidas. O desenvolvimento de diversas funções relacionadas à psicomotricidade aparece nos estudos que tratam sobre: esquema corporal, equilíbrio, coordenação, lateralidade, etc. Tais estudos acreditam que a melhora natural desse desenvolvimento, acarretaria em uma melhora neurológica das crianças, como é explanado por Lobo (2008).

Diante da importância da psicomotricidade para as crianças, Marinho (2012) reflete que é vital que se pense em como promover o conhecimento psicomotor para nossos alunos através de atividades psicomotoras. Além disso, deve-se mediar esse conteúdo através de práticas lúdicas.

Contudo, segundo Guirra (2010), para se estar capacitado a realizar, com competência e comprometimento a aula de Educação Física, observa-se que isso não depende somente do profissional da área, seja pedagogo(a) ou professor(a) de Educação Física, essa é uma questão que vai muito além e que abrange o currículo das duas graduações. Portanto, não é possível julgar o profissional de pedagogia por não ser capaz de lidar com o conteúdo a respeito do movimento, e nem criticar um professor de Educação Física por não estar devidamente preparado para realizar atividades com essa faixa etária de crianças.

As questões e dúvidas apresentadas acima fazem pensar em uma reestruturação do currículo para o educador físico atuar de maneira mais eficaz na Educação Infantil. Uma vez que muitos currículos não abordam de forma necessária as disciplinas voltadas para a faixa etária desses alunos. Acredita-se que caso a universidade não dê fundamentos suficientes para planejar uma aula de qualidade na Educação Infantil, é necessário que o professor especialista busque recursos fora da grade curricular, para poder ter um melhor embasamento teórico afim de lidar com tais crianças, pois a Educação Infantil é a base de desenvolvimento do indivíduo e é onde a criança terá suas primeiras experiências motoras; então é fundamental o cuidado e o olhar atento às suas necessidades. Ao ser questionado sobre a preparação do curso de educação física para atuar na educação infantil, o Professor 2 (2019) responde que “*se a graduação ti proporcionar um estágio dessa prática ‘né’, onde tu tenha um espaço para refletir sobre essa atividade, uma supervisão, um grupo de estudo, eu acredito que sim*”. (*grifo nosso*). Já o Professor 1 (2019) esclarece que: “*só fazer o curso e não ler livro, e não ir não ir atrás, com certeza não, tem que continuar, se tu ficar paradinho tu é só mais um*”. (*grifo nosso*).

Portanto, pode-se ver que há uma divergência, que causada, possivelmente, pela diferença curricular das faculdades, uma vez que os entrevistados são graduados em faculdades diferentes. Acredita-se que de qualquer maneira, e independente da formação, é necessário que se busque conhecimentos e aprendizados além da faculdade, pois nenhuma graduação consegue abordar todas as diversidades de situações que acontecem nas escolas. De fato, algumas licenciaturas que permitam essa reflexão e a experiência na Educação Infantil, como afirma o Professor 2, já auxilia na preparação para lidar com tal etapa tão significativa como esta referida.

Dessa forma, um professor de Educação Física poderá ser um potencializador das questões relacionadas ao movimento, principalmente desenvolvendo questões que envolvam a psicomotricidade e relações afetivas e sociais, de forma a beneficiar o aluno de maneira integral. Portanto, defende-se que é necessária a presença do educador especialista para ministrar as aulas de Educação Física nas escolas com a etapa da Educação Infantil, tendo em vista que o professor de educação física tem como principal trabalho “a integralidade do corpo

e da mente, onde ambos sejam tratados com igual relevância, sem supervalorização de um em detrimento do outro, possibilitando um desenvolvimento integral das crianças” (MACIEL e FERNANDES, 2014, p.99).

Também é importante destacar a relevância da integração entre o professor especialista e o professor titular da turma, para manter uma interdisciplinaridade em suas aulas e para que haja, de ambas as partes, uma continuidade do trabalho feito em sala de aula. Tendo em vista que “um trabalho que se constitua interdisciplinar necessita de uma equipe engajada que possa dialogar e contribuir com informações acerca dos diferentes conteúdos das disciplinas (Siqueira, 2001, p.92)”. Dessa forma, transformando o que nela for tratado em saberes para vida de modo geral, não somente temas fragmentados e desconexos.

3. O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: Análise e discussão de dados

Neste capítulo analisar-se-á as entrevistas coletadas pelos profissionais de educação física e as principais informações que vão ao encontro da temática trazida nesta pesquisa.

3.1 *SOBRE FORMAÇÃO E TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL*

A partir do referencial teórico foi possível formar um questionário/entrevista no qual foi aplicado com os três professores formados em Educação Física que atuam na Educação Infantil. Após os dados coletados foi possível analisar e discutir sobre os mesmos, visando os seguintes temas: preparação do professor de Educação Física para atuar na Educação Infantil; quem deve ministrar a Educação Física na Educação Infantil; corporeidade e socioafetivo; culturas infantis na aula de Educação Física.

Ao serem questionados sobre o currículo da graduação do professor de Educação Física e se o mesmo prepara os professores para atuarem na área da Educação Infantil, dois professores responderam que somente a graduação não é preparatória e que é necessário que o profissional docente continue seus estudos após a formação. Acredita-se que seja relevante o que afirma o Professor 2, ao trazer a questão do currículo da universidade, uma vez que esse preparo irá depender se a graduação proporcionou experiências na Educação Infantil, portanto é importante destacar que esse preparo também dependerá do currículo de cada faculdade. Assim, explana o Professor 1 (2019): “Por exemplo, só fazer o curso e não ler livro, e não ir não ir atrás, com certeza não, tem que continuar, se tu ficar paradinho tu é só mais um”. O Professor 2 (2019), por sua vez, aborda o seguinte: se a graduação te proporcionar um estágio dessa prática ‘né’, onde tu tenhas um espaço para refletir sobre essa atividade, uma supervisão, um grupo de estudo, eu acredito que sim.

Sayão (1999) afirma que há uma despreocupação das faculdades de Educação Física em formar professores que atuem na Educação Infantil. Ao pensar

sobre isso, torna-se claro que não há intenção de se formar o professor para esta faixa etária, pois não é uma área concreta de atuação do professor especialista, uma vez que não há uma obrigatoriedade de quem deve ministrar as aulas de Educação Física na Educação Infantil. Esses especialistas atuam somente em algumas escolas particulares e, em alguns municípios que compreendem a importância do trabalho desse profissional para a Educação Infantil.

3.2 QUEM DEVE MINISTRAR AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA AS CRIANÇAS?

A respeito de quem deve ministrar as aulas de Educação Física na Educação Infantil nessa etapa da educação básica, todos os professores concordaram que a disciplina tem sido desvalorizada, uma vez que não há obrigatoriedade do professor especialista em atuar nessa área. Entende-se que no momento em que outros professores, que não são formados na área, atuam com as crianças, este trabalho não será tão impactante e significativo nesta etapa da educação. A especificidade motora e de socioafetividade que se dá nas aulas de educação física são mais potencializadas quando um professor especializado nesses temas o praticam, como afirma Cavalaro (2009, p. 249):

Somente podemos defender o que conhecemos bem. O tema “movimento” faz parte da área de estudos da educação física e sabemos da sua importância, em todos os aspectos, para o ser em desenvolvimento. Todavia, torna-se necessário que se tenha conhecimento sobre o assunto para lutar em prol de que este professor (de educação física) atue nesta área e seja valorizado.

Assim, sendo imprescindível o conhecimento do professor de Educação Física a respeito do tema “movimento”, para que possa lutar em prol de sua atuação com crianças na faixa etária 0 a 6 anos de idade. Desse modo, afirma o Professor 2 (2019):

cada profissional estuda e se especializa pra uma prática de aula... Eu acredito que a Pedagogia tenha um outro olhar, a Pedagogia também é voltada pra atividades lúdicas, pra atividades do desenvolvimento infantil, mas especificamente do desenvolvimento psicomotor o profissional de Educação Física é quem tem que estar dentro dessa sala de aula. (grifo nosso).

Quando se trata da corporeidade os professores atribuem um grande valor a mesma, e como atesta o Professor 2 (2019) é “através das sensações corporais elas vão se dando conta da sua corporeidade”.

Também pode-se destacar a curiosidade das crianças menores em relação ao funcionamento de seu corpo, pois como dito pelo Professor 3 em sua maioria elas já sabem o nome das partes do corpo, porém como traz o Professor 2, essas crianças ainda não compreendem como acontece o seu funcionamento. Assim, questionando e buscando compreender essa funcionalidade a partir das atividades práticas da Educação Física, ressalta-se que talvez um(a) professor(a) pedagogo(a) não consiga responder tais questões para essas crianças, uma vez que ele não é especializado no comportamento do corpo humano. Por isso é pertinente destacar a fala do Professor 2 (2019): “[...] Eu tive uma turma ano passado que eles ficaram *muito curiosos com o corpo humano*, então eles *sentiam o movimento, perguntavam a parte do corpo*, eu ia conversando (*grifo nosso*)”.

Pode-se relacionar a fala do professor ao que é afirmado pela BNCC quando trata-se do corpo infantil e o seu funcionamento: “Mesmo com maior domínio da linguagem oral, a criança utiliza o corpo para atuar no mundo, como processo integrado à comunicação e como recurso expressivo nas interações cotidianas”. (BNCC, 2018, p.32).

Portanto, o corpo é um instrumento valioso para a aprendizagem na Educação Infantil, tendo em vista que, por muito tempo, esse foi algo que tentaram somente disciplinar e não explorar, conhecer, saber de seus efeitos sobre a constituição dos sujeitos, deixando de obter os diversos benefícios essa discussão agrega sobre o desenvolvimento de conhecimentos de crianças de 0 a 6 anos de idade.

O professor 3 (2019) traz novamente a questão do impacto corporal da Educação Física na escola, reafirmando que com o tempo que há de aula não é possível desenvolver tantas questões corporais, mas sim aprimorá-las:

as crianças acabam já vindo com uma consciência corporal, nome das partes do corpo, mas não que a Educação Física vai ter um impacto, assim,

cem por cento 'né'... Mais é a questão da orientação espacial, consciência espacial, do espaço que o corpo dela vai ocupar e pra não se esbarrar nos outros, mas do conhecimento em si do corpo acho que não chega a ter um impacto gigantesco, *vai ser mais um aprimoramento (grifo nosso)*.

Em outro momento o Professor 3, também, afirma que uma criança não deixará de ser sedentária a partir de uma aula de Educação Física, pois não há tempo de aula o suficiente para isso, porém poderá apreciar atividades físicas e procurar praticá-las em outros momentos e espaços fora da escola. Então quando ele diz que a Educação Física não terá grande impacto em relação ao corpo, ele quer dizer impacto físico, pois como afirma essa aula aprimora a consciência corporal, espacial e a percepção das crianças.

Quando fala-se sobre os efeitos da Educação Física para as crianças da Educação Infantil, todos os professores trouxeram as questões que versam sobre a socialização, como um dos principais efeitos gerados e desenvolvidos em suas aulas. Inclusive o Professor 1 afirma que “é fundamental” e que a psicomotricidade trabalharia muito essas questões sociais. Ele aponta ainda “a fase rudimentar se comunica com o corpo, o choro, o toque” (PROFESSOR 1, 2019), e, que tudo isso estaria muito presente na aula de Educação Física que segundo o Professor 2 (2019): “*proporciona uma maior socialização, proporciona espaços de desenvolvimento psicomotor, espaços onde as crianças possam ter a prática e reflexão sobre jogos e brincadeiras, sobre competição, sobre cooperação*” (grifo nosso).

Concorda-se com Pagano (2017, p. 21), quando expressa: “a abordagem socioconstrutivista chega à concepção de desenvolvimento não mais como uma realização individual da criança, mas como um processo de construção social em contextos altamente estruturados de atividades, com tutela adulta”. Exatamente por isso, a importância de possibilitar à criança diferentes espaços e situações para que ela se desenvolva de forma social através do meio e da interação com o outro.

Partindo do que defende Pagano (2017) acredita-se que as culturas que a criança traz consigo e o meio em que está inserida, interfiram de forma crucial no desenvolvimento da aprendizagem. E a respeito das culturas infantis tivemos uma interpretação diferente da apontada pelos professores. O Professor 1 demonstrou

uma grande dificuldade em lidar com a cultura que a criança traz de casa e do ambiente que ela frequenta, além disso, afirmou que não é sempre que consegue proporcionar um “tempo livre” em suas aulas, então acaba muitas vezes não possibilitando um espaço para que a criança traga suas culturas. A partir da afirmação do Professor 1 (2019) de que “é difícil isso da cultura dela, porque ela traz uma cultura familiar e às vezes a cultura familiar não é boa”, pode-se pensar sobre o respeito com a cultura de cada indivíduo, de cada comunidade em que vive, é comum nem sempre apreciar a cultura dos outros, mas é importante aceitá-las e não julgá-las.

Diferente do primeiro entrevistado, o Professor 2 (2019) trouxe dois assuntos relacionados com a cultura infantil, sendo eles: a influência da mídia na cultura das crianças e históricos de agressões/violência. Ele afirma que “a questão *das músicas*, dos próprios *movimentos da cultura corporal*, acho que *a mídia influencia demais dentro desse processo (grifo nosso)*”.

Dessa forma pode-se pensar na criança contemporânea, que traz consigo um emaranhado de informações e conhecimentos através da tecnologia digital, e de certa forma isso afeta a cultura da criança, uma vez que ela está inserida em uma sociedade cuja mídia é realmente uma produtora de um tipo de cultura e um tipo de sujeito.

O Professor 2 traz um assunto extremamente importante e complexo de se lidar, isto é, o da violência e agressão no ambiente em que a criança está inserida, fazendo com que, muitas vezes, a criança tenha um comportamento agressivo. Dessa forma, é importante ressaltar que este é um dos únicos casos em que se deve interferir de forma ativa, uma vez que essa cultura é perpetuada através de violência e maus tratos. O Professor 3 também abordou a questão da cultura familiar, porém trazendo aspectos diferentes, como resoluções de problemas e conflitos das crianças, partindo do pressuposto de que a família, algumas vezes, não colabora com medidas socioeducativas da escola, ele (2019) assim se manifesta:

[...] têm muitas crianças que às vezes a gente ‘*tá* tentando acessar e ‘*tá* conseguindo ter avanços quando existe algum problema ou alguma coisa a superar e às vezes a criança chega em casa e a aquela coisa não é desenvolvida ou é falada de outra forma ‘*né*’, daí volta pra escola e parece

que não fez efeito o trabalho, por essa questão cultural da família ser muito forte 'né'. (*grifo nosso*).

Por isso é essencial não só o professor, mas a escola manter uma boa relação com a família, dialogar e explicar como será realizada a resolução desses conflitos, para que a família e a escola atuem em conjunto, para disponibilizar o melhor para a criança. Na maioria das vezes as famílias querem ajudar, porém não tem base para compreender o que é necessário para auxiliar aquela criança em determinadas situações, assim precisando do apoio e do amparo da escola.

A partir das entrevistas, observou-se que há opiniões divergentes entre os professores e, muitas vezes, eles interpretam os mesmos assuntos de formas opostas, porém quando falamos sobre quem deve ministrar as aulas de Educação Física na Educação Infantil, a resposta foi unânime: o Professor de Educação Física.

Por fim, concorda-se com a afirmação de Pagano (2017) a respeito das diversas linguagens a serem desenvolvidas:

a ideia, para mim, central, refere-se à extrema relevância que nós, como adultos, estejamos questionando, pesquisando e nos desafiando a *descobrir e construir*, com *paciência e paixão*, situações de aprendizagem capazes de favorecer a expressão de múltiplas linguagens. E não devemos parar, por um instante sequer, de procurar perceber e *valorizar* as estratégias que as crianças usam, primeiramente, para estruturar o seu processo de aprendizagem. (PAGANO, 2017, p.24).

Dessa maneira, reafirma-se a importância de proporcionar diferentes situações e estratégias pedagógicas, para que a criança se beneficie de suas diferentes linguagens. Por isso, acredita-se na necessidade de um professor de Educação Física na Educação Infantil, para que haja uma ampliação das possibilidades e potencialidades de ações das crianças de 0 a 6 anos de idade.

4. CONCLUSÃO

Como foi visto ao longo do trabalho a Educação Física é uma disciplina obrigatória na Educação Infantil, assim discute-se quem seria o profissional adequado a ministrar essas aulas, pois não há especificações de que deve ser um trabalho a ser feito por um professor especialista. Aprendeu-se a partir dos referencias teóricos aqui apresentados, das entrevistas com os professores especialistas e das análises de dados, que pode-se reconhecer a importância que este trabalho tem com as crianças sendo feita uma parceria comum entre professor de Educação Física e o docente que atua na Educação Infantil. É esse professor quem “apresenta o conhecimento necessário para promover o desenvolvimento adequado das crianças da faixa etária compreendida de 0 a 6 anos” (SILVA, 2015, p. 25).

Mesmo com algumas dúvidas pertinentes, acredita-se que o professor de Educação Física é ainda o profissional mais adequado para ministrar uma aula de Educação Física para as crianças de Educação Infantil. Tendo em vista que o mesmo estudou, se especializou no desenvolvimento do corpo humano de forma integral, considerando-se que “na primeira infância, o corpo é o instrumento expressivo e comunicativo por excelência, que serve de suporte para o desenvolvimento emocional e mental, sendo essencial na construção de afetos e conhecimentos” (BNCC, 2018), e este professor é o ideal para desempenhar este trabalho.

Além de o professor licenciado em Educação Física trabalhar com a relação sujeito/aluno, metodologias de aulas, didáticas, diversidade de gêneros e culturas, entre outros temas relacionados ao sujeito em si e não ao conteúdo programático de cada escola. O que se faz essencial quando se desenvolve um trabalho na Educação Infantil é “o processo de construção da identidade (que) é central para o desenvolvimento. Ele acontece ao longo de toda a vida, mas é particularmente intenso durante a Educação Infantil” (BNCC, 2018).

Entretanto, ainda é preciso que sejam tomadas medidas quanto ao apoio informativo e preparatório a esses professores, uma vez que nenhum documento

governamental a respeito da educação aborda o tema Educação Física na Educação Infantil. Dessa maneira desamparando o professor especialista não lhe dão recursos gerais para orientar-se. Continua-se a perguntar acerca do professor titular (pedagogo(a)) que em muitas escolas precisam ministrar essas aulas sem possuir embasamento necessário em relação ao corpo, e nem mesmo pode apoiar-se na Base Nacional Comum Curricular ou Diretrizes Curriculares Nacionais.

Por fim, reafirma-se a necessidade de um professor de Educação Física na Educação Infantil e ressalta-se a importância de haver uma parceria interdisciplinar entre o(a) professor(a) especialista e o(a) professor(a) titular das crianças. Tal parceria poderá fomentar um maior aproveitamento das aulas propostas e uma ação conjunta para que se crie estratégias que proponham o desenvolvimento integral da criança.

REFERÊNCIAS

BASEI, Andréia. **A Educação Física na Educação Infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança.** Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, Brasil, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 03 abr.2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996; 175º da Independência e 108º da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em: 03 abr.2019.

CAVALARO, Adriana; MULLER, Verônica. **Educação Física na Educação Infantil: uma realidade almejada - Educar,** Curitiba, n. 34, p. 241-250. Editora UFPR, 2009.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil /** Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <<http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>>. Acesso em: 15 abr.2019.

DORNELLES, L.; MARCELLO, F.; BUJES, M.I. **Educação e infância: na era da informação.** Porto Alegre: Mediação, 2012.

FELIPE, Jane. O desenvolvimento Infantil na perspectiva Sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, Carmen; KAERCHER, Gládis. In: **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

GODOY, Arilda. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** Revista de Administração de Empresas. v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. São Paulo, 1995.

GUIRRA, Frederico; PRODÍCIMO, Elaine. **Trabalho corporal na educação infantil: afinal, quem deve realizá-lo?** - Motriz: rev. educ. fis. (Online) vol.16 no.3 Rio Claro July/Sept. 2010.

LOBO, Helena; TAMIOSSO, Eunice. **Educação motora infantil: orientações a partir das teorias construtivista, psicomotricista e desenvolvimentista motora – zero a seis anos.** Caxias do Sul/RS, Educs, 2008.

MACIEL, Cilene; FERNANDES, Cleonice. **Corpo e Aprendizagem: a Importância do Professor de Educação Física na Educação Infantil.** UNOPAR Cient., Ciênc. Humana. Educ., Londrina, v. 15, n. 2, p. 99-108, Jun, 2014.

MARINHO, Herminia. **Pedagogia do movimento: universo lúdico e psicomotricidade (livro eletrônico).**Curitiba, InterSaberes, 2012.

MASTRASCUSA, Celso. PEDROSO, Paulo Rafael. **Recreação: Teoria e Prática** – 4. Porto Alegre, Letra&Vida, 2014.

MELLO, A.; RODRIGUES, K.; SANTOS, W.; KLIPPEL, M.; ROSA, A.; VOTRE, S. **Educação Física na educação infantil: produção de saberes no cotidiano escolar**- Rev. Bras. Ciênc. Esporte vol.36 no.2 Porto Alegre Apr./June 2014.

PAGANO, Andrea. Como o olhar dos adultos sustenta as aprendizagens das crianças. . In: GARCIA, Joe; JUNQUEIRA FILHO, Gabriel; PAGANO, Andrea. In: **Educação Infantil em ReggioEmilia: Reflexões para compor um diálogo**. Curitiba, UTP, 2017.

PALMA, Míriam Stock. **Representações das crianças sobre o brincar na escola**. Revista Portuguesa de Educação, 2017, 30(2), pp. 203-221.

PRADO, Juliete de Lima. **O jogo simbólico de pré-escolares nas aulas de Educação Física**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – ESEF, 2014.

PROFESSOR 1. **Entrevista semiestruturada** concedida a Rhanna Schaefer da Silva, Porto Alegre, 2019.

PROFESSOR 2. **Entrevista semiestruturada** concedida a Rhanna Schaefer da Silva, Porto Alegre, 2019.

PROFESSOR 3. **Entrevista semiestruturada** concedida a Rhanna Schaefer da Silva, Porto Alegre, 2019.

SAURA, Soraia. **O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante**. Rev. bras. educ. fís. esporte vol.28 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2014 Epub May 28, 2013

SAYÃO, Deborah Thomé. **Educação Física na Educação infantil: Riscos conflitos e controvérsias**. Motrivivência: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer – LaboMídia-UFSC. Santa Catarina, 1999.

SILVA, Luiza; SOUZA, Maria; SIMÕES, Regina; MOREIRA, Wagner. **Reflexões sobre corporeidade no contexto da educação integral**. Educ. rev. vol.32 no.1 Belo Horizonte Jan./Mar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000100185> Acesso em: 06 de Jul. 2019,

SILVA, Marcela Dutra. **Educação Física na Educação Infantil: Uma prática necessária?**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, 2015.

SIQUEIRA, Alexandra. **Práticas interdisciplinares da Educação Básica**: Uma revisão bibliográfica-1970-2000. ETD - Educação Temática Digital. v3 - n1 - p. 88-89. Número Temático: Tecnologia & Comunicação, Educação & Saúde, Biblioteconomia e Leitura, 2001.

YIN, Roberti. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. Porto Alegre, 2015.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: Os efeitos das aulas de Educação Física na Educação Infantil de 0 a 6 anos

COORDENAÇÃO: Rhanna Schaefer da Silva

Natureza da pesquisa: Esta é uma pesquisa que tem como finalidade investigar os efeitos da Educação Física na Educação Infantil, a partir de aulas ministradas por professores de Educação Física. Esta pesquisa está vinculada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Participantes da pesquisa: Serão convidados a participar desta pesquisa professores de Educação Física. A principal pesquisadora é a estudante Rhanna Schaefer da Silva, que pode se comunicar através do número (51)98473-6012.

Envolvimento da pesquisa: Ao participar deste estudo você fará uma entrevista semiestruturada realizada pela coordenadora desta pesquisa. É previsto em torno de meia-hora a quarenta minutos para sua conclusão. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa.

Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à dignidade.

Confidencialidade: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado.

Benefícios: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas.

Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu _____, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome do participante

Assinatura do participante

Local e data

Coordenadora da pesquisa
Rhanna Schaefer

Professora Orientadora
Dra. Leni Vieira Dornelles
Cel Fone: 998060388

Agradeço a sua autorização e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais.

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

1. Há quanto tempo você ministra aulas de Educação Física na Educação Infantil de 0 a 6 anos? Quais faixas etárias? Você atua ou atuou com bebê?
2. Você possui alguma especialização na área da Educação Infantil? Qual?
3. Você acredita que somente a graduação do curso de Licenciatura Educação Física prepara para ministrar aulas na Educação Infantil de 0 a 6 anos?
4. Qual sua opinião sobre a não obrigatoriedade de um professor de Educação Física na Educação Infantil? Você acredita que há a necessidade de haver aulas de Educação Física na Educação Infantil? Por quê?
5. Qual sua opinião sobre a Educação Física ser ministrada por Pedagogos(as) ou demais profissionais em diversas escolas?
6. Quais os efeitos que a Educação Física pode trazer para uma criança da Educação Infantil?
7. Como você vê a Educação Física relacionada com o conhecimento do corpo das crianças na Educação Infantil?
8. Como as culturas infantis e do meio das crianças atravessam as aulas de Educação Física na Educação Infantil? Quais culturas infantis? Quais culturas do seu meio?
9. Para ti, a educação física precisa preocupar-se apenas com o desenvolvimento motor e corporal da criança?
10. Como você vê a Educação Física em relação à socioafetividade?

APÊNDICE A – RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Professor 1

- 1. Há quanto tempo você ministra aulas de Educação Física na Educação Infantil de 0 a 6 anos? Quais faixas etárias? Você atua ou atuou com bebê?** “Eu dei aula de 2006 a 2008 e depois agora mais três anos no projeto, deve dar uns cinco, seis anos. Já trabalhei ‘dos fraldinhas’, que são aquelas crianças próximas a um ano de idade, foram os mais novinhos que já trabalhei até dezesseis anos.”
- 2. Você possui alguma especialização na área da Educação Infantil? Qual?** “Tenho em Educação Física Escolar, daí dentro disso tem os níveis, de Ensino Fundamental, Educação Infantil e o Médio, mas especialização na Educação Infantil ainda não.”
- 3. Você acredita que somente a graduação do curso de Licenciatura Educação Física prepara para ministrar aulas na Educação Infantil de 0 a 6 anos?** “Por exemplo, só fazer o curso e não ler livro, e não ir não ir atrás, com certeza não, tem que continuar; se tu ficar paradinho tu é só mais um.”
- 4. Qual sua opinião sobre a não obrigatoriedade de um professor de Educação Física na Educação Infantil? Você acredita que há a necessidade de haver aulas de Educação Física na Educação Infantil? Por quê?** “Ah é um absurdo! Mas pelo menos ali na nova Base ‘né’, tem vários tópicos que como professor de educação física tu pode utilizar, então isso já é um avanço, eu tenho anotado ali algumas coisas que eu utilizo, mas não ter o específico pra educação física, ainda é um ‘fiasco’, é uma matéria que é tratada a margem e não deveria ser porque é o corpo ‘né’.”
- 5. Qual sua opinião sobre a Educação Física ser ministrada por Pedagogos(as) ou demais profissionais em diversas escolas?** “Fiasco (risos), é a mesma coisa se a gente invertesse os papéis, isso já aconteceu

comigo, teve um período que eu trabalhei em uma Escola de Educação Infantil como titular de uma turma, eu era professora de um Jardim, 'e aí' como tinha essas pastas de materiais, de exercício, eu me lembro que uma professora que era Pedagoga que me auxiliava 'pra' eu aplicar as atividades, mas eu não tinha preparo nenhum pra isso, 'e aí' eu via o quanto eu não tinha nada a ver com aquela área e o quanto eu poderia prejudicar aquelas crianças, porque deveria ser o lugar de uma Pedagoga. E o inverso, eu como professora de Educação Física, a minha turma era a melhor na parte motora, porque daí eu trabalhava a Educação Física como nenhuma outra professora daquela escola, em compensação a parte pedagógica assim, a parte da escrita, de escrever espelhado, eu deixava a desejar."

- 6. Quais os efeitos que a Educação Física pode trazer para uma criança da Educação Infantil?** "A gente pode usar até o que próprio colégio prega das três dimensões, a dimensão socioemocional, que trabalha todo tempo, a questão do eu e do outro, aí tem a dimensão espiritual e religiosa, que é a questão da justiça, do respeito, de igualdade e a motricidade, que é a parte motora, que 'tá' completamente ligada ao cognitivo, o tempo todo, eles aprendem com o corpo."

- 7. Como você vê a Educação Física relacionada com o conhecimento do corpo das crianças na Educação Infantil?** "Noção espacial, noção corporal, de novo a noção do eu e do outro, o espaço que eu ocupo, o espaço que meu colega ocupa e o espaço que nós ocupamos juntos. E o conhecimento do corpo, "o movimento" como eu posso utilizar? de que forma? se eu consigo fazer isso, se eu não consigo, qual é o meu limite?."

- 8. Como as culturas infantis e do meio das crianças atravessam as aulas de Educação Física na Educação Infantil? Quais culturas infantis? Quais culturas do seu meio?** "Tu sabe que isso é o mais difícil de lidar, que eu

venho de uma Educação Física, que por mais que a gente estude, a gente vem de uma Educação Física Carteziana, de separar as coisas, então a gente tem aquela aula de início, meio e fim, 'daí', por exemplo, se tu tem o início tu sabe que é o alongamento, se tu tem o meio tu sabe que é a atividade que tu tem que propor e o final se der tempo tem conversa, se der tempo tem o "tempo livre", mas se não der é o que tu deu 'pro' aluno e deu, então é difícil a criança trazer a cultura dela, as brincadeiras dela o tempo todo, então são momentos durante a atividade que tu deixa livre 'né'?!, e dependendo do que ela quer mostrar às vezes "não pode" (risos), é difícil isso da cultura dela, porque ela traz uma cultura familiar e as vezes a cultura familiar não é boa. É difícil essa questão e eu tenho dificuldade com isso, até quem fala muito disso é a questão espiritual, que tem que deixar as crianças falarem no final, só que isso exige um tempo de aula, daí tu tem que cortar de algum jeito outra parte da aula, daí as vezes eu não sei, eu tenho que melhorar isso."

9. Para ti, a educação física precisa preocupar-se apenas com o desenvolvimento motor e corporal da criança? "Não, por exemplo, quando os professores querem dar um momento livre, no final da aula, além de ser o que eu "jogo" com eles pra manter a disciplina em aula, porque eles são muito pequenos... sexta-feira passada eu dei um momento livre maior, porque eu queria descobrir coisas sobre os alunos, sobre o comportamento, porque tinham alunas que eram "normais" e dois, três dias depois estavam mais "grudentas", por que estão mais "grudentas"? Aí naquele momento livre enquanto elas estavam brincando "vêm cá como é que tu 'tá', fulana? E aí...?" "Ah minha mãe machucou a cintura", por isso que 'tá' grudada em mim. Aí a fulaninha, "ah não pode empurrar a coleguinha dessa forma", aí tu pergunta como que 'tá' em casa e ela responde "Ah, meu mano não dormiu essa noite", então ela não dormiu também, aí começa a entender, eu uso o tempo livre 'pra' tentar entender a realidade de algumas, mas não é toda hora que dá também."

10. Como você vê a Educação Física em relação à socioafetividade? "É fundamental, a psicomotricidade fala muito disso, além de se comunicar não

só com a fala, a fase rudimentar se comunica com o corpo, o choro, o toque, tudo isso faz parte e na Educação Física tudo isso se faz muito presente e eu considero um privilégio trabalhar na Educação Física.”

Professor 2

- 1. Há quanto tempo você ministra aulas de Educação Física na Educação Infantil de 0 a 6 anos? Quais faixas etárias? Você atua ou atuou com bebe?** “A dezoito anos, de três a seis anos.”
- 2. Você possui alguma especialização na área da Educação Infantil? Qual?** “Especificamente na Educação Infantil não, mas minha especialização é em Psicomotricidade Relacional, que trabalha com o desenvolvimento psicomotor do zero aos seis anos.”
- 3. Você acredita que somente a graduação do curso de Licenciatura Educação Física prepara para ministrar aulas na Educação Infantil de 0 a 6 anos?** “Se a graduação ‘ti’ proporcionar um estágio dessa prática ‘né’, onde tu tenha um espaço para refletir sobre essa atividade, uma supervisão, um grupo de estudo, eu acredito que sim”.
- 4. Qual sua opinião sobre a não obrigatoriedade de um professor de Educação Física na Educação Infantil? Você acredita que há a necessidade de haver aulas de Educação Física na Educação Infantil? Por quê?** “Péssima, eu acho que a Educação Física na Educação Infantil deveria estar muito mais presente do que está nos dias de hoje.”
- 5. Qual sua opinião sobre a Educação Física ser ministrada por Pedagogos(as) ou demais profissionais em diversas escolas?** “Como professora de Educação Física eu não concordo, eu acho que cada profissional estuda e se especializa ‘pra’ uma prática de aula, então como professora de Educação Física eu preciso estar preparada pra administrar

aulas de Educação Física. Eu acredito que a Pedagogia tenha um outro olhar, a Pedagogia também é voltada pra atividades lúdicas, pra atividades do desenvolvimento infantil, mas especificamente do desenvolvimento psicomotor o profissional de Educação Física é quem tem que estar dentro dessa sala de aula.”

- 6. Quais os efeitos que a Educação Física pode trazer para uma criança da Educação Infantil?** “Eu acho que proporciona uma maior socialização, proporciona espaços de desenvolvimento psicomotor, espaços onde as crianças possam ter a prática e reflexão sobre jogos e brincadeiras, sobre competição, sobre cooperação, sobre saúde, sobre esportes e eu acho que é mais um espaço dentro da Educação Infantil pra se trabalhar com o Lúdico e o Jogo Simbólico.”
- 7. Como você vê a Educação Física relacionada com o conhecimento do corpo das crianças na Educação Infantil?** “Uma relação direta, eu percebo que as crianças nas práticas de atividades físicas, na Educação Infantil, através das sensações corporais elas vão se dando conta da sua corporeidade. Eu tive uma turma ano passado que eles ficaram muito curiosos com o corpo humano, então eles sentiam o movimento, perguntavam a parte do corpo, eu ia conversando muito com eles sobre isso.”
- 8. Como as culturas infantis e do meio das crianças atravessam as aulas de Educação Física na Educação Infantil? Quais culturas infantis? Quais culturas do seu meio?** “Difícil, assim acho que como eu trabalho há muitos anos com Educação Infantil, eu percebo o quanto a mídia influencia nas aulas de Educação Física. Assim, então, às vezes, as crianças elas chegam ‘pra’ aula ‘pra’ expressar corporalmente o que elas vivenciam nos seus ambientes. Já tive histórias a muito tempo atrás, de crianças com noticiários de agressões, com noticiários de acidentes, com noticiários de drogas e que traziam pra aula nas suas brincadeiras esses assuntos e expressavam isso através dos jogos dentro da Educação Física. Também a questão da música,

dos próprios movimentos da cultura corporal, acho que a mídia influencia demais dentro desse processo.”

9. Para ti, a educação física precisa preocupar-se apenas com o desenvolvimento motor e corporal da criança? “Não, eu acho que a Educação Física ela tem que se preocupar com o desenvolvimento integral, na Educação Infantil as crianças estão em um processo onde as suas relações afetivas e os seus vínculos promovem ou não, uma prática mais eficiente na tua aula. Então tu poder proporcionar uma escuta e um olhar ‘pra’ aquele grupo de crianças tem um diferencial, ‘né’?!, tanto é que tu não prepara a mesma aula ‘pra’ várias... tu prepara a aula ‘pra’ várias turmas só que as aulas sempre vão acontecer diferente, porque as turmas são diferentes e as crianças são diferentes. Então esse olhar da formação integral não é só do desenvolvimento motor.”

10. Como você vê a Educação Física em relação à socioafetividade? “Se o professor promove essa escuta, esse olhar, ele consegue unir essa afetividade às atividades que estão envolvidas na aula. Então as crianças através do toque, através do olhar do outro, através das brincadeiras, através da cooperação, o professor de Educação Física consegue trabalhar muito essas questões do vínculo dentro das suas aulas.”

Professor 3

1. Há quanto tempo você ministra aulas de Educação Física na Educação Infantil de 0 a 6 anos? Quais faixas etárias? Você atua ou atuou com bebê? “Desde 2015, esse ‘tá’ sendo o quinto ano, quatro completos, ‘né’?! Atuo com de três a cinco anos.”

2. Você possui alguma especialização na área da Educação Infantil? Qual? Qual sua participação no planejamento e ações na escola infantil? “Não, tenho especialização em gestão do esporte.”

3. **Você acredita que somente a graduação do curso de Licenciatura Educação Física prepara para ministrar aulas na Educação Infantil de 0 a 6 anos?** “Não, nem de perto.”
4. **Qual sua opinião sobre a não obrigatoriedade de um professor de Educação Física na Educação Infantil? Você acredita que há a necessidade de haver aulas de Educação Física na Educação Infantil? Por quê?** “É uma situação bem delicada, respondendo de uma maneira objetiva eu acho que é um equívoco. O profissional de Educação Física, ele por si só, nem sempre ‘tá’ preparado, isso que ele tem toda a vivência, ‘né’?! Então pessoas de outras áreas por melhores intenções que sejam ‘né’, mas acabam de repente não tendo todo preparo, então eu discordo bastante dessa não obrigatoriedade, ‘né’?!.”
5. **Qual sua opinião sobre a Educação Física ser ministrada por Pedagogos(as) ou demais profissionais em diversas escolas?** “Na verdade, o impacto acaba sendo mais em termos de participação e envolvimento da criança do que propriamente na parte física, ‘né’?! Mesmo nós que somos formados em Educação Física a gente não consegue ter tanto impacto na parte física da criança, até porque a gente só atua uma vez por semana, mas no desenvolvimento social, na questão da vivência, da bagagem motora, mesmo nós, às vezes, a gente comete alguns equívocos, como por exemplo, fazer aulas com filas, a criança passa às vezes mais tempo na fila do que participando e muitas vezes a gente vê essas atividades motoras conduzidas pelas ‘profs’ de uma maneira que já não se brinca mais, ‘né’?! Então o próprio brincar de uma maneira que não vai trazer tantos benefícios no sentido social, emocional e inclusive motor, mas na questão de vivência, não de desenvolvimento motor em si.”
6. **Quais os efeitos que a Educação Física pode trazer para uma criança da Educação Infantil? (e) 10. Como você vê a Educação Física em relação à socioafetividade?** “O que eu acredito mais é na questão realmente assim do

envolvimento social, da questão da conduta, do entendimento de regras, de objetivos, das brincadeiras, dos jogos e da interação, porque como eu falei anteriormente a questão da parte do desenvolvimento motor mesmo, e a parte física a gente não consegue ter tanto impacto por ser um período reduzido, 'né'?! , mas a gente consegue ir plantando essas sementinhas que vão fazer a criança ter gosto pela atividade, se sentir bem, ter uma atividade prazerosa, então eu acho que é mais ou menos por esse caminho.”

- 7. Como você vê a Educação Física relacionada com o conhecimento do corpo das crianças na Educação Infantil?** “Nessa faixa etária, como eu acabo não atendendo as crianças bem pequenas, “maternal” assim. Eu nunca tive a vivência. Então, a faixa etária que eu atendo, as crianças acabam já vindo com uma consciência corporal, nome das partes do corpo, mas não que a Educação Física vai ter um impacto, assim cem por cento ‘né’?!, que vai modificar da água ‘pro’ vinho. Vai colaborar claro, vai contribuir, mas a criança já vem com o conhecimento prévio, ‘né’, muitas já chegam nessa idade já têm vivências de outras escolinhas, então pelo menos através da minha prática eu percebo que as crianças já têm uma vivência, já tem um conhecimento corporal e aqui a gente aprimora. Mas é a questão da orientação espacial, consciência espacial, do espaço que o corpo dela vai ocupar e ‘pra’ não se esbarrar nos outros, mas do conhecimento em si do corpo acho que não chega a ter um impacto gigantesco, vai ser mais um aprimoramento”.
- 8. Como as culturas infantis e do meio das crianças atravessam as aulas de Educação Física na Educação Infantil? Quais culturas infantis? Quais culturas do seu meio?** “O ambiente familiar e contexto geral tem muito impacto dentro da aula, tanto ‘pro’ lado positivo, quanto ‘pro’ negativo. Têm muitas crianças que às vezes a gente ‘tá’ tentando acessar e ‘tá’ conseguindo ter avanços quando existe algum problema ou alguma coisa a superar e, às vezes, a criança chega em casa e a aquela coisa não é desenvolvida ou é falada de outra forma, ‘né’?!, daí volta ‘pra’ escola e parece que não fez efeito o trabalho, por essa questão cultural da família ser muito forte ‘né’?!”

9. Para ti, a educação física precisa preocupar-se apenas com o desenvolvimento motor e corporal da criança? “Na verdade esse é um... ah, não vamos chamar de erro ‘né’, porque quem acaba trabalhando dentro da Educação Física só ‘pra’ parte motora não quer dizer que esteja errado, quer dizer que esteja “pensando pequeno”, vamos chamar assim. Porque na verdade é o que a gente vai acabar tendo o menor impacto, ‘né’? Porque, por exemplo, se existe uma criança sedentária e que vai praticar só a nossa aula uma vez por semana, nessa única hora semanal, não vai ser o suficiente para ela ter desenvolvimento motor, para ela ter vivência corporal. É claro que ela vai evoluir, mas vai ser muito lento, muito gradativo. Essa criança tem que brincar todos os dias, ela tem que fazer atividade todos os dias pra se ter um impacto e isso é feito muito mais fora da Educação Física do que dentro, ‘né’?! Então eu acho que a gente tem que ‘tá’ preocupado sim, com coisas muito mais amplas do que com a parte motora unicamente. E como eu falei da questão social, da questão emocional, a questão da interpretação de regras, de conduta, enfim, respeitar os outros, a questão dos limites corporal também, o que eles conseguem e o que eles não conseguem fazer, mas isso tudo é muito amplo, ‘né’?!, muito maior que o aspecto motor, às vezes é o que a gente menos consegue ter impacto.”